

QUANDO OS "NATIVOS" E OS "HAOLES" SE ENCONTRAM...

Luiz Felipe Falcão* - UDESC

As transformações que levam eventualmente ao crescimento de uma cidade, quer provocadas por um surto de dinamismo econômico, quer vinculadas aos benefícios em termos de melhores opções de vida que ela promete oferecer, tendem a apresentar com o passar do tempo um conjunto de tensões e conflitos socioculturais na medida em que elas aproximam e colocam em contato estreito populações criadas em diferentes tradições, costumes e referenciais culturais em geral. Em outras palavras, os moradores nascidos ou já habituados a um determinado lugar tendem a sentir e a representar os moradores novos como forasteiros que buscam, nem sempre com os cuidados e a habilidade que deles esperam, um espaço econômico, político e cultural que muitas vezes se afigura como desrespeitoso e agressivo aos usos do local em que pretendem se estabelecer. E, por sua vez, os novos moradores tendem a sentir e a representar os moradores antigos como uma sociedade fechada, em certos aspectos até mesmo egoísta, que não se dispõem com facilidade a recebê-los e a dividir com eles os espaços existentes e muito menos a admitir uma presença ostensiva de outras referências culturais sem externar hostilidades em gradações variadas.¹

Estas circunstâncias, decerto bastante genéricas e que podem ser observadas num grande número de cidades, no Brasil e em outras partes do mundo, produzem situações fronteiriças saturadas de aceitações e de rejeições, de tal sorte que configuram um processo complexo e contraditório no qual acontecem acolhimentos, recusas, permutas e transferências mútuas e simultâneas nas quais práticas e signos são continuamente modificados, perdendo qualquer sentido de

"pureza original", ainda quando tais mudanças são negadas por indivíduos ou grupos que se consideram encarregados de preservar o que julgam serem as relações adequadas de sociabilidade ou as verdadeiras e legítimas heranças dos antepassados. E isto, em nosso mundo contemporâneo, é ainda mais potencializado pelas influências dos meios de comunicação de massa, como os jornais, as revistas e sobretudo os canais de televisão, que difundem amplamente e a todo instante idéias, opiniões, modismos, enfim um vasto e sedutor repertório de elementos objetivos e simbólicos direcionado para todos os seus consumidores.

Assim, por todas estas razões e vias, as situações fronteiriças propendem a ensejar desvenças em torno da afirmação e/ou celebração das referências culturais partilhadas por certos grupos, relacionadas a uma disputa pelo direito de pertencimento ao lugar em que se vive. E como a distribuição destes grupos na sociedade é desigual e assimétrica, isto é, como eles não ocupam no lugar funções sociais, postos de visibilidade e de reconhecida dignidade e de capacidade de enunciação, em condições efetivas de igualdade, o resultado é que eles têm possibilidades diversas no que diz respeito à eficácia de garantir e certificar a legitimidade de suas proposições e pretensões.

O momento pelo qual vem passando a cidade de Florianópolis é, quanto a isto, bastante ilustrativo. Nas últimas quatro décadas, ela, bem como outras áreas urbanas do litoral do Estado de Santa Catarina, no Sul do Brasil, tem experimentado uma expansão demográfica expressiva que abrange a incorporação de populações forasteiras provenientes de outras regiões catarinenses, de outros Estados da federação e mesmo de outros países (e isto, sem contar o fato de que ela atrai todos os anos centenas de milhares de turistas, sobretudo durante a temporada de

* Depto. de História/UDESC.

verão). E esta expansão demográfica pode ser verificada através dos dados oficiais colhidos por meio dos recenseamentos gerais e pesquisas nacionais efetuados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), conforme atestam as duas tabelas que seguem abaixo:

Tabela I
População residente em Florianópolis segundo local de nascimento (1960-2001)

População \ Ano	1960	1970	1980	1991	2001
Nascidos no município	81.041	107.443	120.724	155.958	196.322
Migrantes	16.786	30.894	67.147	99.432	145.993
População total	97.827	138.337	187.871	255.390	342.315

Fonte: A partir dos Recenseamentos Gerais e das Pesquisas Nacionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Tabela II
Percentual de nascidos em Florianópolis e de migrantes sobre a população residente no município (1960-2001)

População \ Ano	1960	1970	1980	1991	2001
Nascidos no município	82,85	77,67	64,26	61,07	57,36
Migrantes	17,15	22,33	35,74	38,93	42,64
População residente	100	100	100	100	100

Fonte: A partir dos Recenseamentos Gerais e das Pesquisas Nacionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Existe, pois, em Florianópolis, um grande aumento populacional nas últimas décadas, o que levou a um acréscimo de aproximadamente três vezes e meia no número de habitantes ao longo das últimas quatro décadas. E, neste total, sobressai o elevado percentual de migrantes, cuja taxa de participação se ampliou regularmente até atingir, em 2001, 42,64% do total dos moradores da cidade, ou seja, quase a metade da população residente.

Todavia, estes dados, por si mesmos, não são muito reveladores nem tapouco uma novidade, uma vez que outras cidades brasileiras, antes ou no mesmo período, passaram por ocorrências semelhantes. Em realidade, a característica peculiar que pode ser encontrada em Florianópolis na atualidade remete à evidência

de que os migrantes, neste caso, correspondem em larga medida a profissionais liberais, executivos e funcionários públicos de alta qualificação (professores universitários, dirigentes e técnicos de empresas estatais, magistrados, promotores e demais pessoal do aparato judiciário), o que significa dizer indivíduos portadores de substantivo capital social e cultural, atraídos entre outros fatores por uma refinada propaganda que fornece a imagem de uma cidade aprazível, com baixo índice de violência e excelente qualidade de vida, uma acolhedora "Ilha da Magia" a ser usufruída pelos detentores de bom padrão aquisitivo.ⁱⁱ

Como corolário deste considerável capital social e cultural que possuem, tais indivíduos têm facilidade de assumir cargos e funções de projeção, o que reforça ainda mais a possibilidade de êxito no afã de transmitir para seus filhos as suas próprias preferências e opções, os seus costumes e valores, de sorte que, em termos culturais, o percentual de migrantes na cidade pode ser considerado muito maior que o revelado pelas estatísticas, chegando presumivelmente a dois terços da população residente. Em razão disto, Florianópolis tem se constituindo como um lugar de encontros e de desencontros nos quais "nativos" (nascidos ou já ambientados na cidade) e "haoles" (termo havaiano, tomado de empréstimo dos surfistas, que designa o estrangeiro) se confrontam, buscando qualificar positivamente os respectivos signos de identificação e, ao mesmo tempo, qualificar negativamente os dos outros, rivais ou desafetos, em meio a redes complexas de sociabilidade por onde circulam também outras interferências (como as divulgadas pelos meios de comunicação de massa).

De acordo com isto, há uma acirrada disputa não apenas em torno de quem carrega consigo a prerrogativa legítima de reportar a cidade, mas sobretudo de como reportar a cidade, ora denominada pelos seus moradores mais antigos como

"Ilha Formosa" (desprezando a sua porção continental), com a óbvia intenção de ressaltar seus atrativos naturais, ou como "terra dos manés" (figuração inventada há pouco tempo, como que para atualizar o "açoriano" criado no bojo da II Grande Guerra enquanto marca identitária contraposta àquelas expressas pelos descendentes de alemães e italianos e retomada nas últimas décadas do século XXⁱⁱⁱ, que visa exprimir o perfil cultural dos habitantes com antigas raízes na cidade e cuja personificação mais insigne é o tenista Gustavo Kuerten), ora descrita como uma cidade excessivamente pacata, sem grande vitalidade e atrativos culturais. Porém, deixando propositadamente de lado a dimensão religiosa desta alteração, que opõe a "Ilha da Magia" à "Ilha de Jesus", faz-se necessário examinar com mais atenção estas atribuições de "terra dos manés" e de "cidade pacata", a fim de perceber seus diferentes sentidos e alcances.

Para melhor compreender isto, cabe antes de tudo recordar que Florianópolis jamais foi um centro produtivo, agrícola ou industrial, de proeminência, tendo sua economia de longa data calcada no comércio e nas derivações de abrigar a administração pública estadual (na época do Império, da então província), acrescida nas últimas décadas de um importante setor de serviços, com destaque para duas universidades públicas (a Universidade Federal de Santa Catarina e a Universidade do Estado de Santa Catarina) e várias instituições de ensino superior privadas, para a maior rede de comunicação do Estado (a RBS, Rede Brasil Sul, cuja matriz fica em Porto Alegre) e para diversas empresas estatais (como a CELESC, Centrais Elétricas de Santa Catarina), além de toda uma estrutura voltada ao turismo. Por outro lado, como decorrência do curso assumido pela ocupação e povoamento do território de Santa Catarina, em que ganhou destaque a imigração de língua e/ou dialetos alemães e italianos sobretudo na segunda metade do século XIX, a capital

nunca se projetou como um polo de atração para as demais regiões do Estado, sendo até os dias de hoje encarada com restrições e recriminações pelos interioranos por exclusivamente consumir, mediante os impostos arrecadados, as riquezas que eles afirmam produzir com seu trabalho laborioso. Seja como for, o resultado disto é que Florianópolis não é a cidade mais populosa de Santa Catarina, não alista o maior contingente de eleitores do Estado, não é o município que mais paga tributos, não acolhe o principal evento cultural catarinense (que é o Festival de Dança de Joinville), não promove a mais conhecida festividade em nível estadual (a Oktoberfest de Blumenau) e, em complemento, seus times de futebol não obtêm com freqüência o título de campeão do Estado.

Assim, a contenda acerca da legítima enunciação do perfil cultural da cidade e de seus habitantes é travada num cenário muito singular que não proporciona aos moradores mais antigos nela nascidos, ou com estes identificados, uma gama numerosa e, em particular, prestigiosa de elementos objetivos e simbólicos capazes de assegurar de maneira eficiente e incontestável a admiração tão desejada. Nestas condições, a recente descoberta e celebração do "mané" (que inclui a distribuição anual de um troféu presumivelmente honorífico, o troféu "Manezinho da Ilha"), tanto quanto o cultivo da "açorianidade", é recebida com um misto desdém e chacota pelos moradores mais novos, muitos deles oriundos de centros maiores e mais dinâmicos como Curitiba, Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo, que nela enxergam um mero artifício provinciano que pretende enaltecer um tipo social rudimentar e obsoleto.

Estes moradores mais novos, por seu turno, apesar de reconhecerem os fascínios da cidade, tendem a representá-la e aos seus moradores mais antigos como pouco empreendedores, em certa medida até paroquianos e reservados

diante das exigências, desafios e convivências dos tempos modernos, e por tal motivo não merecedores de crédito em suas tentativas de asseverar aquela que seria a autêntica cultura do lugar. Devido a apreciações, ou mais propriamente depreciações, deste teor, estes moradores mais novos exibem com reiteração posturas e juízos presunçosos face às práticas e representações dos moradores mais antigos, e não poucas vezes esboçam queixumes quanto ao que interpretam como ausência ou rarefação das agitações urbanas, de manifestações culturais mais vigorosas e constantes, as quais seriam inerentes a um ambiente citadino de características metropolitanas e cosmopolitas.

Em conseqüência disto, Florianópolis tem se convertido numa espécie de arena onde se esgrimem "nativos" e "haoles" com o objetivo de fixar, em forma irretocável, uma identidade cultural para a cidade e seus moradores, dando ensejo a uma declarada intransigência diante da alteridade. Com isto, tudo se passa como se uns e outros trouxessem consigo as insígnias da genuína cultura a ser imposta aos demais, sob pena de que uma eventual não admissão conduza inapelavelmente à condenação e ao desaparecimento dos recalcitrantes. E, se for levado em conta que isto se passa num meio saturado de contatos incessantes com diversas influências culturais, num lugar atravessado por múltiplas interferências, a preocupação gerada pelos discursos que têm por alvo certificar uma distinção que não apenas distingue, mas principalmente atesta uma presumida superioridade, separando e afastando grupos que coabitam uma mesma cidade, é capaz de produzir efeitos bem difusos.

A conclusão que daí se depreende é, sem dúvida alguma, inquietante, uma vez que leva a constatar a opacidade em que estão inseridas as tramas vivenciadas por estes indivíduos no seu dia a dia, da qual derivam ou a reverência a uma explícita noção de pureza, ou a aberta propensão à rigidez e à arrogância. Nestas

duas alternativas, os perigos que ambas contemplam não são difíceis de divisar (os quais, diga-se de passagem, vêm espreitando também noutros pontos do país e do mundo)^{iv}, pois acarretam no cortejo à uniformidade, no repúdio à diferença, como o tem demonstrado as seguidas tensões e conflitos envolvendo "nativos" e "haoles", em especial num espaço e num momento nitidamente demarcados pelo hibridismo e pela mestiçagem.

Notas:

ⁱ Um bom estudo sobre esta temática pode ser encontrado, entre outros, em ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. . *Os estabelecidos e os outsiders* . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

ⁱⁱ Ver, entre outros exemplos, as reportagens "A força das cidades médias" e "Floripa a campeã", da revista *Veja*, São Paulo, 7 de março de 2001 (para quem ela seria a cidade brasileira em que mais cresceu o PIB per capita entre 1970 e 1996), e "Florianópolis, 40 graus", da revista *Próxima viagem*, no. 28, São Paulo, fevereiro de 2002, segundo a qual a cidade remete ao Rio de Janeiro da década de 1950 "que vive em nosso imaginário" (página 44).

ⁱⁱⁱ Sobre isto, ver FLORES, Maria Bernardete Ramos . *A farra do boi: palavras, sentidos, ficções* . Florianópolis: UFSC, 1997, e FALCÃO, Luiz Felipe . A guerra interna, in BRANCHER, Ana (org.) . *História de Santa Catarina* (estudos contemporâneos) . Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999..

^{iv} Para ficar apenas num exemplo, vários jornais (como *O Globo*, do Rio de Janeiro, edição de 22 de março de 2005) estamparam recentemente a notícia de que um adolescente de 16 anos que matou nove pessoas e depois cometeu suicídio numa reserva indígena de Minnesota, nos Estados Unidos, costumava se identificar como "nazista nativo" em mensagens na Internet.